

Conhecimento dos professores da educação básica acerca dos transtornos de aprendizagem

Knowledge of basic education teachers about learning disorders

Carlos Alberto Dias¹
Hugo Christiano Soares Melo²
Saulo Gonçalves Pereira³

70

Resumo: Os transtornos específicos de aprendizagem são transtornos do neurodesenvolvimento que impede a plena aprendizagem e o uso de habilidades escolares específicas e podem ser relacionados a leitura, aritmética, escrita e grafia, as quais afetam o desenvolvimento. O conhecimento desses transtornos pelos professores e coordenação da escola é de fundamental importância para a identificação e indicação para um diagnóstico por profissional competente e correta intervenção. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi realizar uma pesquisa sobre os transtornos específicos de aprendizagem buscando conhecer a percepção dos educadores, através da aplicação de um questionário e discutir os resultados à luz da literatura. Para alcançar tais objetivos foi realizada uma pesquisa de campo em forma de questionários aplicados a professores da educação básica que se voluntariaram a participar. Com isso, concluiu-se que tais transtornos são ainda pouco conhecidos pelos professores e que eles não se sentem preparados para identificar e direcionar o aluno para a equipe pedagógica e posterior diagnóstico. Percebeu-se, ainda, que o apoio da equipe de profissionais especializados e a formação continuada dos educadores são elementos fundamentais e necessários para minimizar os prejuízos dos transtornos específicos de aprendizagem.

Palavras-chave: Dislexias. Educação. Ensino Básico. Transtorno de Aprendizagem.

Abstract: Specific learning disorders are neurodevelopmental disorders that prevent the full learning and use of specific school skills and can be related to reading, arithmetic, writing and spelling, which affect development. The knowledge of these disorders by teachers and school coordination is of fundamental importance for the identification and indication for a diagnosis by a competent professional and correct intervention. Therefore, the objective of this work was to carry out a research on specific learning disorders seeking to know the perception of

¹ Licenciado em Matemática, FPM, 2020. alberto.carlo1779@gmail.com

² Biólogo, Professor FPM/FCJP, Doutor em Genética e Bioquímica. hugo.some@gmail.com

³ Professor FPM/FCJP/SMDJOAC, Biólogo, Pedagogo, Doutor em Saúde Animal. saulobiologo@yahoo.com.br

Recebido em 22/02/2022

Aprovado em 26/05/2022

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



educators, through the application of a questionnaire and to discuss the results in the light of the literature. To achieve these goals, a field research was carried out in the form of questionnaires applied to basic education teachers who volunteered to participate. Thus, it was concluded that such disorders are still little known by teachers and that they do not feel prepared to identify and direct the student to the pedagogical team and subsequent diagnosis. It was also noticed that the support of the team of specialized professionals and the continuing education of educators are fundamental and necessary elements to minimize the damage caused by specific learning disorders

Keywords: Dyslexias. Education. Basic education. Learning Disorder

1 INTRODUÇÃO

Em qualquer que seja a etapa da vida, o ser humano está em constante aprendizado. Esse processo é reconhecido pelo recebimento e incorporação de novas informações transmitidas dentro de um contexto social ou educacional. No âmbito escolar, a identidade do ato de aprender é vivenciada de forma heterogênea entre os indivíduos. Nesse aspecto, a formação do pensamento cognitivo se apresenta em ritmos diferenciados, em que alguns alunos podem manifestar dificuldades em aquisição das competências escolares básicas (MELO *et al.*, 2018).

Os Transtornos de Aprendizagem são uma inabilidade específica, com a matemática, como a leitura e escrita, em pessoas que apresentam resultados expressivamente abaixo do esperado para o seu nível de desenvolvimento e idade escolar (SAMPAIO; FREITAS, 2020).

Em 1988, o National Joint Committee on Learning Disabilities *apud* Smith; Strick (2012) apresentou um conceito que foi aceito e aplicado pela comunidade científica educacional, que diz:

Dificuldade de aprendizagem é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos manifestados por dificuldades significativas na aquisição e uso da escuta, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. Estes transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se que são devido à disfunção do sistema nervoso central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital. Podem existir junto com as dificuldades de aprendizagem, problemas nas condutas de auto-regulação (*sic*), percepção social e interação social, mas não constituem por si próprias, uma dificuldade de aprendizado. Ainda que as dificuldades de aprendizado possam ocorrer concomitantemente com outras condições incapacitantes como, por exemplo, transtornos emocionais graves ou com influências extrínsecas (tais como as diferenças culturais, instrução inapropriada ou insuficiente), não são o resultado dessas condições ou influências (SMITH, STRICK, 2012, p. 12).

Atualmente, a descrição dos “Transtornos de Aprendizagem” é encontrada em livros, artigos e manuais internacionais de diagnóstico, tanto na Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10), elaborado pela Organização Mundial de Saúde (1994), como no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), organizado pela Associação Psiquiátrica Americana (2014). Todavia, em ambas se usa o termo “transtorno” à doença, distúrbio ou problema (OMS, 1994; DSM-V, 2014).

De acordo com o DSM-V (2014, p. 01), o transtorno específico da aprendizagem é um [...] “transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais”. Biologicamente compreende-se uma interação de fatores ambientais, genéticos e epigenéticos e que influenciam a capacidade cognitiva cerebral de perceber, processar e decodificar informações verbais ou não verbais com exatidão. Ambas classificações apresentam que não há como saber com exatidão a causa. Porém apresentam que uma condição de etiologia multifatorial (OMS, 1994; DSM-V, 2014).

Os transtornos específicos de aprendizagem representam um dos maiores obstáculos ao desenvolvimento intelectual e social dos alunos. Esses transtornos são definidos como disfunções psíquicas que afetam negativamente a construção das habilidades escolares por interferirem de forma direta nos processos de fala, linguagem, leitura, escrita, aritmética, entre outras áreas ligadas à formação do conhecimento (FRANCESCHINI *et al.*, 2011).

Neste contexto, este trabalho apresenta uma análise do acerca do conhecimento dos educadores da educação básica sobre os transtornos específicos da aprendizagem. As hipóteses que nortearam este trabalho são que as dificuldades de aprendizagem são sub identificadas e sub direcionadas para a equipe pedagógica, inclusive em alunos do ensino básico, e que os professores não têm grandes conhecimentos de como lidar com os mesmos, tanto para indicar para os diagnósticos de profissionais habilitados, como para trabalhar com os alunos com laudo.

Percebe-se que é de grande importância que seja refletido sobre o conhecimento sobre os transtornos específicos da aprendizagem, bem como dos impactos da identificação e diagnóstico especializado e intervenção no desenvolvimento global dos alunos com tais transtornos.

Por esse motivo, o presente estudo buscou trazer uma abordagem acerca dos transtornos específicos da aprendizagem, respondendo os seguintes questionamentos: Qual o conhecimento dos professores da educação básica sobre transtornos específicos da aprendizagem? E como os professores têm lidado com os alunos acometidos?

Para tanto, o objetivo foi fazer um levantamento geral sobre transtornos específicos da aprendizagem, bem como a atuação do professor da educação básica acerca da temática e, por fim aplicar um questionário sobre a temática, discutir e apresentar os resultados.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa/quantitativa exploratória. A pesquisa bibliográfica foi realizada visando uma maior compreensão das diferentes interfaces do assunto em questão, através de material acessível ao público em geral, tais como livros, artigos científicos e teses que tratam do tema (GIL et al., 2002). A pesquisa de campo, por sua vez, foi realizada depois do levantamento teórico, para que se obtivesse um bom conhecimento sobre o tema (YIN, 2001). Em relação ao público-alvo da pesquisa, tratou-se de professores atuantes na educação básica, escolhidos por conveniência do pesquisador e através de aceitação dos termos do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Foram incluídos neste estudo aproximadamente 100 voluntários de ambos os sexos, maiores de idade que aceitaram participar da pesquisa e que assinaram (virtualmente) o TCLE. Para tanto, foi elaborado um questionário que posteriormente foi disponibilizado na internet por meio da ferramenta *Google forms*® para que os docentes respondessem.

O questionário continha elementos comuns dos respondentes, tais como: Idade, gênero, nível de escolaridade, bem como perguntas sobre os transtornos específicos da aprendizagem. Não foram solicitados dados pessoais.

A análise dos dados foi realizada por meio do *Google Planilhas*®, através de tabulação, análise de dados e posteriores gráficos. A identidade dos respondentes da pesquisa permaneceu oculta, para possibilitar a oportunidade dos participantes se expressarem livremente durante toda a pesquisa. Ressalta-se que tal pesquisa consta de protocolo e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE: 21396819.8.0000.8078, Parecer - 3.769.203).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Caracterização do universo amostral

Com o propósito de responder os questionamentos levantados nessa pesquisa e alcançar os objetivos apresentados, foi realizada uma consulta aos professores da educação básica. Sendo

assim, o universo amostral deste estudo foi composto por 100 educadores que atuam no ensino Fundamental I e II, o que representa um número considerável de docentes. O perfil destes profissionais da educação mostrou que a maioria é do sexo feminino, com idade entre 31 e 40 anos e formação a nível de especialização. Esse perfil profissional foi condizente aos dos estudos realizados por Cardoso (2013). Elias; Jacoby (2015) que observaram uma grande prevalência de educadoras na mesma faixa etária reportada neste trabalho.

Analisando estes resultados preliminares, pode-se inferir que a docência ainda é culturalmente dominada pela figura feminina. De fato, as mulheres possuem características afetivas mais enaltecidas, principalmente no que diz respeito ao grau de sensibilidade, empatia, amabilidade, paciência e cuidado. Estes aspectos são imprescindíveis ao exercício do magistério. Por outro lado, a formação e especialização, destes profissionais faz a diferença no desenvolvimento da aprendizagem, uma vez que ela ajuda na mediação, principalmente no que diz respeito às formas de lidar com a diversidade dentro de sala de aula (NOGUEIRA, 2007).

Quanto ao tempo de carreira docente, foi constatado que grande parte dos investigados possuem entre 8 e 15 anos de experiência profissional na disciplina em que lecionam. Conforme mencionado, a experiência profissional e a formação do docente são elementos facilitadores do processo ensino e do processo de aprendizagem.

Apesar da maioria dos professores entrevistados terem uma boa vivência no ensino, é importante lembrar que os transtornos específicos da aprendizagem somente se tornaram objeto de discussão e preocupação no ambiente escolar há pouco tempo. Com isso, diante do desconhecimento do tema ao longo dos anos, a experiência profissional aqui descrita pelos educadores não seria necessariamente responsável pela forma com que esses professores lidam com o problema (SANTOS, 2014).

É o que comprova o estudo de Dias, Pereira e Borsel (2013), que entrevistou professores com mais de 10 anos de atuação no ensino, os autores observaram que a maioria desses profissionais não acreditam serem capazes de identificar o aluno com discalculia. Sobreleva dizer que ao professor cabe perceber se o aluno tem alguns transtornos específicos da aprendizagem, repassar para a equipe pedagógica, pois a identificação, bem como o diagnóstico deve ser procedido por profissional competente (CIASCA, 2003; ELIAS; JACOBY, 2015). A Tabela 1 apresenta o perfil dos educadores que participaram da pesquisa.

Tabela 1- Perfil dos educadores da educação básica participantes deste estudo.

Variáveis	%
-----------	---

Gênero	
Masculino	31
Feminino	69
Trans	0
Faixa Etária	
20-30	13,1
31-40	42,4
41-50	32,3
51-60	12,1
> 61	0
Experiência Profissional	
Sem experiência na matéria que leciona	
< 2 anos	9
2-8 anos	4
8-15 anos	17
> 15 anos	40
	30
Nível de Escolaridade	
Magistério	1
Licenciatura Plena	2
Especialização	75
Mestrado	16
Doutorado	4

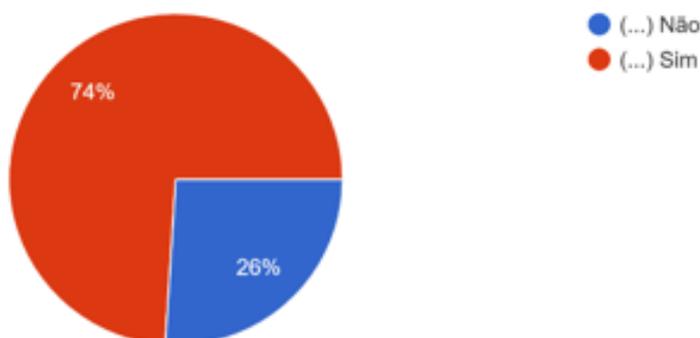
Fonte: *Google Forms* – Dados Da Pesquisa 2020

3.2 Percepção dos Professores sobre os Transtornos de Aprendizagem

Durante a investigação, os professores foram questionados sobre vários aspectos acerca dos transtornos específicos da aprendizagem, assim como da postura dos mesmos em relação a estes. A maioria dos docentes (74%) afirmaram saber diferenciar os transtornos específicos da aprendizagem de dificuldade de aprendizagem como mostra a Figura 1.

Diferentemente, o estudo realizado por Villar (2017) constatou que os professores investigados não conseguem distinguir e nem reconhecer os termos dificuldades de aprendizagem, transtornos específicos da aprendizagem. A importância de saber diferenciar tais situações reside na habilidade de tomar decisões mais acertadas quanto às intervenções pedagógicas, levando assim a uma aprendizagem mais direcionada, eficaz e com foco reduzido nas limitações dos alunos.

Figura 1- Capacidade dos professores em diferenciar as dificuldades dos transtornos específicos de aprendizagem.

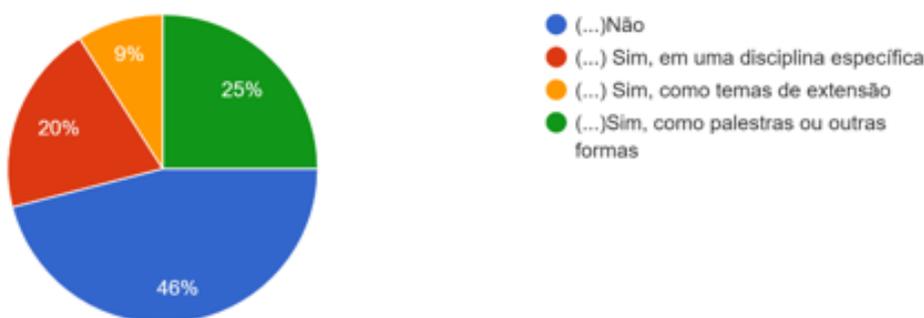


Fonte: dados da pesquisa (2020)

O conhecimento das respostas analisadas no presente estudo acerca dos transtornos específicos da aprendizagem e das dificuldades de aprendizagem parece ter sido adquirido durante a formação dos educadores, uma vez que 54% dos entrevistados revelaram que o tema foi discutido em disciplinas específicas, projetos de extensão e palestras durante sua graduação.

No entanto, uma parcela significativa dos professores entrevistados (46%), revelaram não ter discutido o tema: transtornos específicos da aprendizagem e dificuldades de aprendizagem durante sua formação acadêmica (Fig. 2). A maior implicância disso, segundo Correia (1999, p. 11), é que [...] “não conhecendo a natureza dos problemas e as implicações que têm no seu processo educativo, os professores do ensino regular não poderão prestar o apoio adequado”.

Figura 2- Influência da formação inicial dos educadores no conhecimento dos transtornos e dificuldades de aprendizagem.



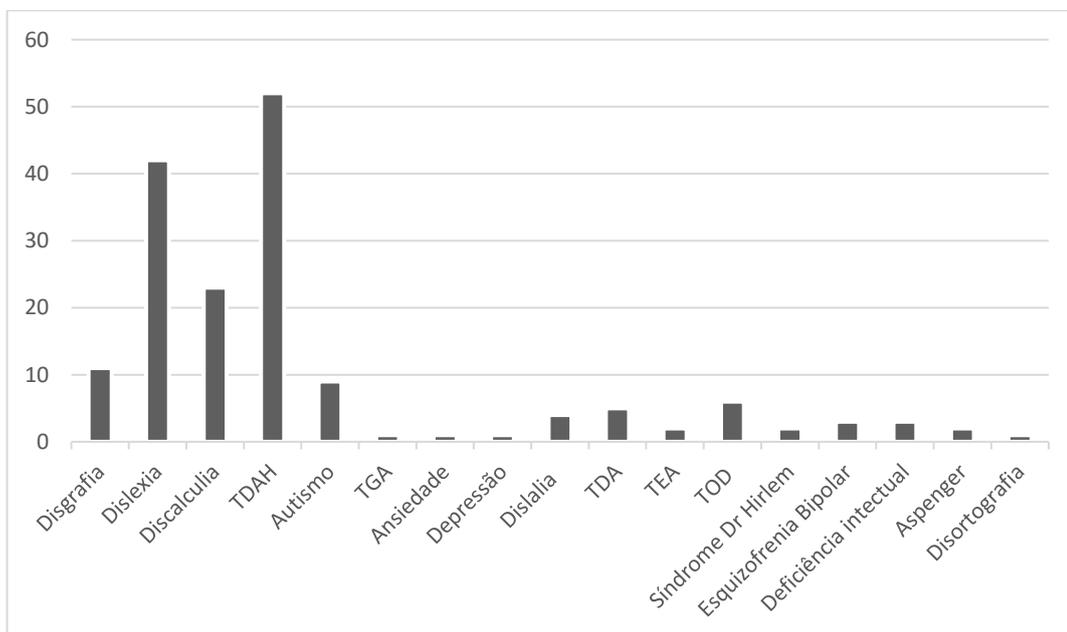
Fonte: dados da pesquisa (2020)

Esse perfil de respostas (54% dos voluntários da pesquisa ora em tela) foi consonante ao do estudo publicado por Dias, Pereira e Borsel (2013), os quais analisando o conhecimento dos docentes sobre as dislexias, observaram que 70% dos voluntários tiveram contato com o tema durante sua formação inicial.

Segundo Villar (2017), existe uma deficiência na formação dos professores, tendo em vista que existe a falta de formação continuada para implementação de temas como inclusão e transtornos de aprendizagem. A maior consequência disso é a incapacidade de desenvolver um trabalho estratégico voltado a esses alunos com tais transtornos. A Figura 3, elenca os transtornos de aprendizagem mais conhecidos pelos professores entrevistados. Como pode ser observado, destacaram-se o transtorno do déficit de atenção e hiperatividade – TDAH (52%), dislexias (42%) e discalculia (23%). Ressalta-se que tal questionamento foi uma questão de resposta livre aonde os voluntários poderiam postar a resposta que lhe conviesse.

77

Figura 3- Transtornos de aprendizagem mais conhecidos pelos educadores.

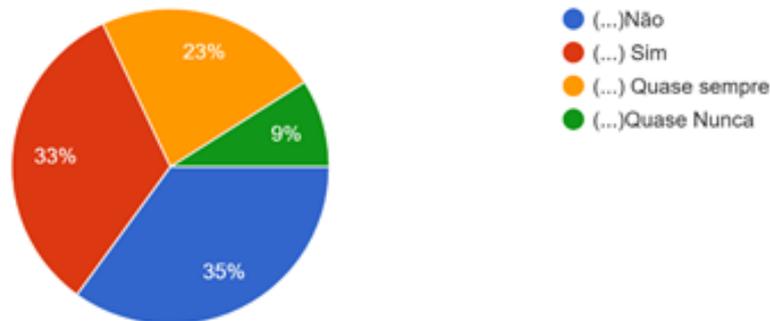


Fonte: dados da pesquisa (2020)

Particularmente sobre a discalculia, 56% dos educadores disseram saber, quase sempre, identificá-la como transtorno de aprendizagem. Ao passo que, 44% desses profissionais da educação tem dificuldades de realizar a identificação desse transtorno (Fig. 4). Lopes; Crenitte

(2012) mencionam que a falta de conhecimento dos professores acerca dos transtornos de aprendizagem o que leva a interpretações inequívocas, como o desinteresse e falta de esforço dos alunos, o que complica a identificação e posterior tratamento e acompanhamento.

Figura 4- Habilidade dos educadores em reconhecer os casos de discalculia.



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Sob um ponto de vista contrastante, Cardoso (2013), mostra em seu trabalho um dado interessante sobre a formação profissional dos educadores. Investigando a percepção dos mesmos sobre a contribuição da formação inicial para o trabalho com alunos com transtornos de aprendizagem, os autores observaram que mais de 80% dos entrevistados acham que sua formação acadêmica não os capacitou para trabalhar com esses alunos. Nesse sentido, percebe-se que a formação continuada e a vivência em sala de aula parecem ser aspectos relevantes para esses profissionais lidarem com os casos de transtornos de aprendizagem.

Buscando-se identificar a experiência dos professores com o trabalho dos alunos diagnosticados com dislexias, foi observado através da pesquisa do mesmo autor supracitado, a existência de um desconforto ou despreparo por parte desses educadores em relação à essa questão.

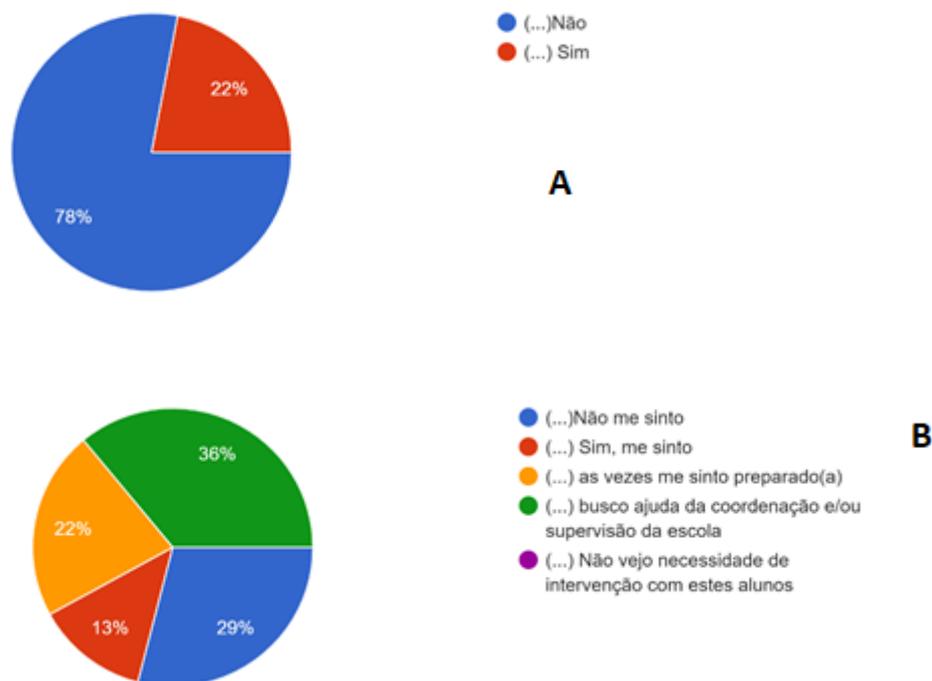
De acordo com a figura 5A, a seguir, que respondeu ao questionamento “Você se sente preparado (a) para identificar alunos que tenha transtornos de aprendizagem e encaminha-los para a equipe pedagógica?”. Dos voluntários respondentes, 78% dos afirmaram não se sentirem preparados para identificar os transtornos e encaminhá-los para o tratamento especializado (Fig. 5A).

Na pergunta “Você se sente preparado no âmbito escolar para identificar alunos com transtornos de aprendizagem e encaminha-los para a equipe pedagógica e posteriormente para

profissional habilitado?": Percebe-se que na realidade, os dados coletados durante o questionário revelaram que 36% dos professores necessitam da ajuda da coordenação e/ou supervisão escolar para conseguir realizar a identificação dos alunos com transtornos de aprendizagem e fazer encaminhamento dos casos aos especialistas (Fig. 5B).

Isso parasse ser um fato preocupante, visto que os professores são os primeiros profissionais a manterem contato com o aluno, e desse contato espera-se a capacidade da primeira identificação para o encaminhamento à intervenção precoce.

Figura 5- Percepção dos professores sobre a identificação para o futuro diagnóstico dos transtornos de aprendizagem. A. Preparo dos docentes para identificar os casos e encaminhá-los ao tratamento especializado. B. Necessidade de auxílio profissional para realizar a identificação dos casos de transtorno de aprendizagem.



Fonte: dados da pesquisa (2020)

É possível encontrar diversos estudos na literatura que corroboram com essas evidências. Vasconcelos e Cavalcante (2011) por exemplo, revelaram em sua pesquisa com 20 professores atuantes na rede de ensino público e privado, que o conhecimento docente para a identificação das dislexias e encaminhamento para futuro diagnóstico é deficiente. Os autores

atribuem essa incapacidade dos profissionais da educação à formação inicial onde os temas são, em parte, negligenciados.

De modo similar, Dias, Pereira e Borsel (2013), verificaram também que os docentes têm pouco conhecimento sobre o tema “Transtornos Específicos de Aprendizagem”. De acordo com a pesquisa, mais da metade dos professores investigados não são capazes de identificar uma criança com discalculia em sala de aula e fazer seu encaminhamento para a equipe pedagógica.

Nessa perspectiva, o estudo de Cardoso (2013) percebeu que a maioria dos docentes estão pouco preparados para trabalhar com os alunos com transtornos de aprendizagem e que por isso sentem necessidade de formação continuada nessa temática.

Ressalta-se que de acordo com Cervéra-Mérida; Ygual-Fernández (2006); Ciasca (2003); Cruvinel; Boruchovitch (2004) o diagnóstico deve ser realizado apenas por profissional competente e habilitado. Todavia, De Faria et al. (2019) pontuam que os professores, bem como a equipe pedagógica, mesmo não sendo os profissionais habilitados para o diagnóstico, tal equipe tem função especial na percepção e encaminhamento de tais estudantes para um diagnóstico, sendo inclusive um serviço prestado pelo Serviço Único de Saúde – SUS.

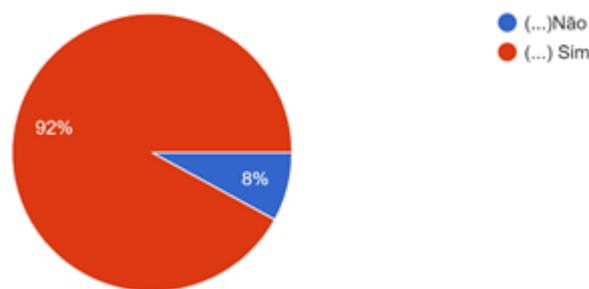
O trabalho conduzido por Silva, Nakao e Cargnin (2012), o qual tinha como objetivo verificar o conhecimento, relacionamento e experiências dos professores com os transtornos de aprendizagem, mostrou algo similar aos achados deste estudo. Ao entrevistar os professores, os autores perceberam que a discalculia é bastante comum em sala de aula, porém na maioria dos casos, o próprio professor não consegue identificá-la devido a dúvidas de como proceder para encaminhar para um diagnóstico especializado.

Almeida (2006) analisou em seu trabalho, a percepção dos docentes sobre os aspectos causadores do insucesso na matemática, em especial a discalculia. Dessa maneira, foi descoberto por meio da aplicação de questionários a 52 professores, que tanto os educadores quanto o sistema de ensino possuem lacunas que contribuem para esse cenário.

O estudo menciona, ainda, a importância do diagnóstico especializado preciso para a adoção de métodos didáticos que facilitem a aprendizagem. Sendo assim, no mesmo estudo, sabendo da importância de um diagnóstico precoce e intervenção adequada nos casos de alunos com transtornos de aprendizagem, foi investigada a opinião dos professores quanto à gerência dos casos pelos profissionais específicos (psicólogos, assistente social e etc.) e o resultado foi quase unânime que tal diagnóstico deve ser procedido por profissional especializado.

A Figura 6 apresenta esse resultado, em que mais de 90% dos educadores são favoráveis a atuação desses profissionais especializados dentro das escolas para gerenciar os casos de transtorno de aprendizagem. Apesar dessa inclinação ao encaminhamento especializado dos casos diagnosticados, Vasconcelos e Cavalcante (2011) constataram em sua pesquisa que os professores das escolas públicas carecem de assistência, ao passo que os educadores das escolas particulares têm à disposição todo treinamento e orientação de uma equipe multidisciplinar de saúde especializada no tratamento dos casos de dislexia.

Figura 6- Opinião dos professores quanto ao gerenciamento dos casos diagnosticados de transtorno de aprendizagem por profissionais especializados (psicólogos, fonoaudiólogos, assistente social e etc.).



Fonte: dados da pesquisa (2020)

Sobre a discalculia, especificamente, em um estudo do ano de 2016, foi visto que a prevalência desse transtorno de aprendizagem na população brasileira está acima da média mundial (7,8%), principalmente em crianças com nível social mais baixo (BASTOS *et al.*, 2016).

Ainda sobre os resultados no conteúdo de matemática, de acordo com dados do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes – PISA (2018), o desempenho educacional dos brasileiros na matemática é baixo. Ainda de acordo com o levantamento realizado pelo programa, 68,1% dos estudantes brasileiros, com 15 anos de idade, não possuem nível básico de matemática, o mínimo para o exercício pleno da cidadania os estudantes do nível básico são incapazes de resolver questões simples e rotineiras, o que coloca o país no pior nível de proficiência na área. Dessa forma, entre os 78 países avaliados, o Brasil ocupa a 69ª

posição no ranking da matemática. Além das condições de ensino que ainda são bastante precárias em muitas regiões do país (OECD, 2018).

Por fim, os resultados apresentados nesta investigação demonstram alguns pontos preocupantes e persistentes ao que vem sendo reportado sobre o assunto na literatura ao longo dos anos. Em especial, o fato de que os professores ainda têm dificuldade em identificar os transtornos aprendizagem e encaminhá-los a uma intervenção adequada.

Portanto, através dos achados dessa pesquisa e o levantamento bibliográfico realizado, pode-se inferir que o conhecimento dos professores acerca dos transtornos de aprendizagem ainda é limitado reforçando, assim, a necessidade desses profissionais buscarem melhorar sua capacitação e receber suporte especializado para que assim seja possível proporcionar um ensino e aprendizagem significativa e eficaz.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante das análises e reflexões realizadas com a pesquisa de campo, foi possível obter um diagnóstico sobre a percepção dos professores acerca dos transtornos de aprendizagem. Desta maneira, pode-se considerar que a metodologia empregada na busca para alcançar os objetivos propostos se mostrou eficiente, uma vez que possibilitou traçar uma discussão e contextualizada do tema com outros estudos da literatura.

De modo geral, o estudo permitiu compreender que a maioria dos educadores questionados possuem um conhecimento limitado acerca dos transtornos de aprendizagem. De fato, constatou-se com a análise dos questionários que os transtornos mais conhecidos são a discalculia, as dislexias e o TDAH. Por um lado, isso pode representar um aspecto positivo uma vez que permite o encaminhamento dos casos à intervenção adequada.

No entanto, sob outro ponto de vista, esse conhecimento restrito pode levar a interpretações erradas dos casos, implicando em prejuízos significativos para o desenvolvimento do aluno. Inclusive, foi percebido que a experiência profissional dos educadores não tem muita influência na capacidade de identificação e encaminhamento dos transtornos, pois até mesmo os docentes que apresentam grande vivência em sala de aula ainda se sentem despreparados em identificá-los.

Desse modo, percebeu-se que, embora, os transtornos específicos de aprendizado sejam um assunto muito importante, os professores pouco conhecem sobre o tema, visto que muitos se sentem despreparados para identificar os casos em sala de aula. Isso pode ser consequência

das lacunas deixadas no processo de formação dos docentes no tema que impede a identificação das características dos transtornos. Com isso, conclui-se que há necessidade de investir em cursos de capacitação continuada para os educadores melhorarem seu conhecimento sobre o assunto.

De forma sucinta, a aplicação do questionário proporcionou uma melhor compreensão das falhas do sistema de ensino, bem como da atuação dos professores. Além disso, os dados recolhidos e analisados apontaram para a importância do conhecimento dos sinais referentes aos transtornos de aprendizagem, bem como dos procedimentos para o encaminhamento ao tratamento especializado. Isso porque o professor é o profissional que mantém contato direto com o aluno e cabe a ele o papel de reconhecer, identificar e encaminhar o mais precocemente possível, os casos de transtorno de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S. **Dificuldades de aprendizagem em matemática e a percepção dos professores em relação a fatores associados ao insucesso nesta área**. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/bitstream/10869/1766/1/Cinthia%20Soares%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em 28 de set. de 2020.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, DSM-5, *et al.* **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, 2014.

BASTOS, J. A.; *et al.* The prevalence of developmental dyscalculia in Brazilian public school system. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 74, n. 3, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/97BVZsFCKSkJjcRNFD4XCVd/?lang=en>. Acesso em 01 de set. de 2020.

CARDOSO, M. de F. P. **Percepção dos professores do 1º ciclo do ensino básico face aos comportamentos perturbadores de crianças com Perturbação de Hiperatividade com Déficit de Atenção**. 2013. 125f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa, 2013.

CERVÉRA-MÉRIDA, J. F.; YGUAL-FERNÁNDEZ, A. A. Uma propuesta de intervención em transtornos disortográficos atendiendo a la semiologia de los errores. **Rev. Neurol.[sl]**, v. 42, n. 2, p.117-26, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4692791>. Acesso em 08 de set. de 2020.

CIASCA, S. M. (org.) **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, 220p.

CORREIA, L. M. **Alunos com necessidades educativas especiais em classes regulares.** Porto Alegre: Porto Editora, 1999.

CRUVINEL, M.; BORUCHOVITCH, E. Sintomas depressivos, estratégias de aprendizagem e rendimento escolar de alunos do ensino fundamental. **Psicologia** [sl], v. 9, n. 3, p. 369-78, 2004. DOI: 10.1590/S1413-73722004000300005

DE FARIA, Thais de Cássia Cintra *et al.* Transtornos de aprendizagem e percepção docente: análise em escolas sul mineiras. **Revista EDaPECI**, [sl], v. 19, n. 2, p. 96-107, 2019. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/edapeci/article/view/10855/pdf>. Acesso em 25 de ago. de 2020.

DIAS, M. A. H.; PEREIRA, M. M. B.; VAN BORSEL, J. Avaliação do conhecimento sobre a discalculia entre educadores. **Audiol., Commun. Res.**, [sl], v. 18, n. 2, p. 93-100, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/8nMTJksy8GxJHV44WzdFR8m/?lang=pt>. Acesso em 09 de jul. de 2020.

ELIAS, C. G; JACOBY, N. **Dificuldade de Aprendizagem: Percepções dos Professores do Ensino Fundamental I da Escola Municipal de Educação Básica Figueira.** **Psicologado**, 2015. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/dificuldade-de-aprendizagem-percepcoes-dos-professores-do-ensino-fundamental-i-da-escola-municipal-de-educacao-basica-figueira>. Acesso em 28 de Set. de 2020.

FRANCESCHINI, B. T.; *et al.* Distúrbios de aprendizagem: disgrafia, dislexia e discalculia. **Educação**, [sl], v. 5, n. 2, p. 07-21, 2015. Disponível em: www.web-api-claretiano-edu-br.s3. Acesso em: 28 de ago. de 2021.

GIL, A. C. *et al.* **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, R.C.F.; CRENITTE, P.A.P. Estudo analítico do conhecimento do professor a respeito dos distúrbios de aprendizagem. **Rev. CEFAC**, [sl], v. 15, n. 5, p. 1214-1226, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/38JbDVBMdzjC3hRxY9mHdny/?lang=pt>. Acesso em 01 de set. de 2020.

MELO, D.G.S.; *et al.* **Avaliação e reabilitação neuropsicológica em crianças com dislexia, disgrafia e discalculia.** Psicologia, 2019. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?avaliacao-e-reabilitacao-neuropsicologica-em-criancas-com-dislexia-disgrafia-e-discalculia&codigo=A1277&area=d10. Acesso em 01 de set. de 2020.

MONTEIRO, Bruno de S. *et al.* Metodologia de desenvolvimento de objetos de aprendizagem com foco na aprendizagem significativa. **Brazilian Symposium on Computers in Education (Simpósio Brasileiro de Informática na Educação - SBIE)**, [S.l.], p. 388-397, nov. 2006. ISSN 2316-6533. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/sbie/article/view/499>. Acesso em: 20 jun. 2020. doi:<http://dx.doi.org/10.5753/cbie.sbie.2006.388-397>.

NOGUEIRA, M. M. **Avaliação da psicomotricidade no processo de ensino-aprendizagem de crianças com Síndrome de Down na educação infantil.** 2007. 164f. Dissertação

(Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2007. Disponível em: <https://1library.org/document/z1do7v8z-avaliacao-processo-ensinoaprendizagem-crianca-sindrome-down-educacao-infantil.html>. Acesso em: 20 jun. 2020

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação Estatística Internacional de Doenças com disquete Vol. 1**. Edusp, 1994.

OECD. Organization for Economic Co-Operation and Development (OECD). **PISA 2018 Assessment and Analytical Framework**. Paris: OECD Publishing. 2018.

PEREIRA, G.; SILVA, S.F.; CARELI, T.T. **Distúrbios de aprendizagem e suas implicações no processo educativo**. 2010. 52f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Faculdade de Pindamonhangaba. Pindamonhangaba, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/6689776-Disturbios-de-aprendizagem-e-suas-implicacoes-no-processo-educativo.html>. Acesso em: 20 jun. 2020

PATERLINI, L. S. M. *et al.* Triagem e diagnóstico de dificuldades/transtornos de aprendizagem-desfecho de avaliações interdisciplinares. **Revista CEFAC**, v. 21, n. 5, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rcefac/a/KSPxMVGKpXFPPhxRHwZjXPjQ/?lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SAMPAIO, S.; FREITAS, I. B. (Orgs.). **Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2020.

SANTOS, L. **A discalculia na perspectiva de professores das séries iniciais de uma escola da rede municipal de Paranavaí-PR**. 2014. 36f. Monografia (Especialização em Educação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Medianeira, 2014. Disponível em: http://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/20894/2/MD_EDUMTE_2014_2_131.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

SILVA, D. A. D. S.; NAKAO, E.; CARGNIN, C. Análise e percepção da discalculia no cotidiano escolar de professores de matemática da rede estadual de dois municípios do Paraná, Nova Tebas e Quinta do Sol. In: JORNADA DE DIDÁTICA - O ENSINO COMO FOCO I FÓRUM DE PROFESSORES DE DIDÁTICA DO ESTADO DO PARANÁ, I, 2012. Curitiba. **Anais**. Curitiba: CEMAD, 2012.p.162-177. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/ANALISE%20E%20PERCEPCAO%20DA%20DISCALCULIA%20NO%20COTIDIANO%20ESCOLAR.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SMITH, C.; TRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: Artmed, 2012.

VASCONCELOS, D. H. F.; CAVALCANTE, M. C. B. **Dislexia e escola: um olhar crítico sobre a equipe multidisciplinar e sua relação com as práticas pedagógicas tendo como foco o professor**. 2011. 162f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2011. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6391?locale=pt_BR. Acesso em: 20 jun. 2020.

VILLAR, J. M. G. **Discalculia na sala de aula de matemática:** um estudo de caso com dois estudantes. 2017. 166f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Matemática) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2017. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/mestradoedumat/wp-content/uploads/sites/134/2011/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Discalculia-conclu%C3%ADdo-1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.